

Moisés Aguiar

Psicólogo, com especialização em psicologia da arte. Autor de vários livros, capítulos e artigos. Tradutor. Professor no Instituto de Psicodrama de Campinas (IPPGC). Diretor da Companhia do Teatro Espontâneo (São Paulo) e supervisor da Companhia de Teatro Espontâneo TransHumanantes (Santiago, Chile)

THE THEATRE OF SPONTANEITY

J. L. MORENO
SERIES EDITOR: ZOLI FIGUSCH
2010 EDITION – THE NORTH-WEST PSYCHODRAMA
ASSOCIATION (INGLATERRA)

Site: www.lulu.com

Link: <http://www.lulu.com/product/paperback/the-theatre-of-spontaneity/6245571>

Antes de mais nada, um registro indispensável. Moreno está sendo reeditado na Inglaterra, por obra e graça de Zoli Figusch, psicodramista de origem húngara, radicado no país britânico, porém estreitamente vinculado ao movimento psicodramático brasileiro. Zoli casou-se com uma brasileira, Jussara, e viveu aqui de 2003 a 2005, quando mergulhou de cabeça no nosso meio, entrando em contato intensivo com nossa produção bibliográfica, participando de nossos eventos e estabelecendo relações com os profissionais da área. De volta à Inglaterra, vem-se dedicando com afinco à difusão do psicodrama brasileiro por lá, editando coletâneas de textos nossos, não somente em inglês, mas, também, em húngaro e turco. Aprofunda sua competência psicodramática cursando o correspondente ao nosso “nível 2” e trabalhando como psicoterapeuta numa instituição ligada ao sistema estatal de saúde, onde faz trabalhos com grupos de pacientes psiquiátricos, de refugiados e de candidatos a asilo.

Sua mais recente investida no campo editorial apresenta seu primeiro fruto: a reedição de *The Theatre of Spontaneity*, num ambicioso projeto em parceria com *The North-West Psychodrama Association*, uma de nossas entidades insulares.

Esta obra é conhecida dos psicodramatistas brasileiros, principalmente através da tradução feita por Maria Sílvia Mourão Neto, publicada pela Summus, em 1984. Antes disso, nosso contato se fazia através de edições

em inglês ou espanhol. Ela foi publicada originalmente na Alemanha, em 1923, anonimamente. O próprio Moreno a traduziu, posteriormente, para o inglês, assumiu a paternidade e a revisou, reescrevendo algumas partes, para uma primeira edição nos Estados Unidos em 1947, pela Beacon House, e depois, sucessivamente, em 1973 e 1983, pela mesma editora por ele fundada e dirigida. É esse texto que aparece agora, em 2010, na Inglaterra.

Os prólogos e prefácios são ricos em informações históricas. Na introdução, o autor procura caracterizar o teatro da espontaneidade, uma “ideia fixa” ilustrada por curioso anedotário, correlacionando-o com reflexões teóricas a respeito do “eu”.

No primeiro capítulo propriamente dito, faz considerações a respeito das origens do teatro, analisando-o do ponto de vista da categoria do momento.

Na sequência, o livro é dividido em quatro partes:

- O teatro do conflito
- O teatro da espontaneidade
- O teatro terapêutico
- O teatro do criador

Uma quinta parte, introduzida *a posteriori*, apresenta considerações feitas por Gottfried Diener, que disserta sobre a relação entre o personagem Lila, de Goethe, e a psicologia analítica e o psicodrama.

Um pequeno glossário e dois anexos (“Diagrama de interações” e “Arquitetura do Stegreiftheater”) completam o trabalho.

A primeira, terceira e quarta partes apresentam numerosas pistas de reflexão, algumas ideias básicas a serem desenvolvidas. Sobre o teatro do conflito, Moreno faz várias sugestões a respeito da participação do público no teatro. Ao falar sobre o teatro terapêutico, na terceira parte, essa mesma questão é retomada, vista porém por outro ângulo. Suas considerações sobre o teatro do criador (Parte IV) enfocam a possibilidade de se encenar o personagem deus e o significado do drama religioso, fechando o tema com uma questão derivada: a psicocatarse.

Mas a parte mais suculenta e extensa do livro é a segunda, quando discute o teatro da espontaneidade – fazendo jus, aliás, ao próprio título da obra.

Começa considerando o que ele chama de metateatro, ou seja, o teatro do teatro: a estrutura arquitetônica, o elenco, além dos conceitos de metazonas e metapraxis, insinuações teóricas que desafiam a uma reflexão mais aprofundada, inclusive a respeito de sua relevância como “práxis”.

Em seguida, passa o autor a considerações sobre dramaturgia experimental, apresentando seus princípios e alguns formatos dramatúrgicos a serem explorados no teatro da espontaneidade. Prossegue com uma extensa discussão dos testes de espontaneidade, que desemboca na apreciação de teorias e técnicas que estão em três âmbitos:

- o âmbito da forma: a diferença entre o ator espontâneo e o ator dramático, o ato criador, o estado de espontaneidade, a ideia de perfeição relacionada com o *status nascendi*, a relação entre dramaturgia e criaturgia,

a relação entre o ato criativo e as formas criativas, a patologia do trabalho espontâneo, a encenação mecânica *versus* encenação espontânea;

- o âmbito das relações interpessoais: técnicas relacionadas com a atuação individual e com a atuação interpessoal, uma matriz para registro das ações e caracterização dos estados de espontaneidade, liderança no desempenho de papéis, registro de espaço e movimentos, a técnica da atuação totalmente espontânea, o tempo da espontaneidade, os sistemas de comunicação, o fenômeno tele.

- o âmbito da apresentação, ou do espetáculo: o cenário, a preparação (aquecimento), a direção de preparação, a direção de produção.

Por fim, ainda nesta parte, as aplicações do teatro da espontaneidade. Aqui, o autor discute a relação entre o estado espontâneo e o talento espontâneo, a produção espontânea, a utilização de disparadores (temas de interesse coletivo, obras literárias), o jornal vivo, a diferença entre a improvisação e a dramatização espontânea, os principais temas da educação espontânea, gírias legítimas e ilegítimas, a relação entre a espontaneidade e o ato de voar, a catarse mental e a cura. Encerra esta seção com considerações a respeito das críticas à encenação espontânea e um pequeno histórico do palco experimental para o teatro da espontaneidade.

Nessa enumeração sucinta dos temas abordados, podemos encontrar algumas das preocupações que ainda hoje nos levam a refletir e a buscar soluções para o nosso fazer teatro da espontaneidade – e, como decorrência ou como motivação básica, do psicodrama, seu desdobramento de maior sucesso, e do sociodrama e do axiodrama, os desafios de nossa época.

Uma palavra final a respeito da edição britânica de 2010: do ponto de vista de artes gráficas e da comunicação visual, um avanço significativo em relação às publicações anteriores. Uma capa alegre, multicolorida, contrasta com a sisudez das anteriores; uma encadernação ao mesmo tempo sólida e prática, fruto provável das conquistas tecnológicas; um estilo tipográfico agradável, que convida à leitura.

Nossa gratidão ao mestre Moreno, por suas sempre desafiadoras lições. Aos colegas britânicos, da associação de psicodrama do noroeste, pela empreitada. E em especial ao Zoli Figusch, cujo sonho infantil era ser cafeicultor no Brasil, sonho esse que se transformou no plantar psicodrama da melhor cepa brasileira mundo afora – e aqui, também, num futuro próximo.

Endereço:
Rua Mogi Guaçu, 1270
CEP 13090-605, Campinas SP
Tel: (19) 3255-3653
e-mail: moysesaguaiar@terra.com.br